

# REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE  
VOLUME VI



SÃO PAULO  
1952

## BREVE NOTÍCIA SÔBRE OS MBYÁ-GUARANI DE GUARITA

por  
HERBERT BALDUS

Numa viagem de pesquisas aos Kaingang do Estado do Rio Grande do Sul, em janeiro de 1952 <sup>(1)</sup>, aproveitei a minha estadia no Pôsto Indígena de Guarita para identificar os Guarani ali estabelecidos. Até aquela data, as notícias a respeito dêles eram vagas demais para permitir a classificação etnológica. Conseguí colher alguns dados de cultura material e não-material que identificam os índios em aprêço como sendo Mbyá, isto é, parte duma tribo estudada no território argentino de *Misiones* por Juan B. Ambrosetti e, no Paraguai Oriental, por vários autores, sendo os melhores trabalhos os do padre Franz Müller e de León Cadogan.

Segundo Müller (1934, pp. 178-179), os Guarani do Paraguai Oriental consistem nas seguintes quatro tribos: Guayaki, Mbyá, Pañ' e Chiripá. A classificação dos Guayaki como Guarani é controversa. Aliás, Müller estuda só as três outras tribos. Observa (ib. p. 180) que delas são os Chiripá os que mais se aproximam da nossa cultura e os Mbyá os que mais afastados ficam dela.

A palavra guarani *mbyá* significa "gente", sendo os índios dêste nome designados, ainda, Kainguá, Kaayguá e Ka'agüyguá, isto é, "habitantes da selva" (Ambrosetti 1895, p. 5; Müller 1934, p. 179; Cadogan 1950a, p. 233), ou aludindo à tanga dos homens, Baticola (Ambrosetti, l. c.; Müller, l. c.), ou, com referência ao modo de cortar os cabelos, Apyteré (Ambrosetti, l. c.; Müller, l. c.).

Segundo as informações que colhi, os Mbyá de Guarita moram desde 1939 nessa Reserva, tendo vivido até êsse ano no território argen-

---

(1) A viagem foi custeada pelo *Serviço de Proteção aos Índios*. Aos seus funcionários agradeço inúmeros favores.

tino de *Misiones*, isto é, relativamente não muito longe da atual vivenda. O relatório do Pôsto de Guarita, de janeiro de 1948, indica 69 como o número dos Guarani estabelecidos na sua área, não havendo dados de recenseamento posterior. Devido à mobilidade típica da tribo, o número dos residentes em Guarita muda constantemente. Os meus informantes mbyá deram como número total dos seus, incluindo mulheres e crianças, existentes na Reserva ao tempo da minha visita: 108. Não pude controlar esta informação.

As únicas indústrias dêstes índios são, atualmente, o fabrico de cestos e de arco e flecha. Segundo Müller (1934, pp. 180-181), o distintivo principal na cultura material dos Mbyá, Chiripá e Pañ' é a forma do cesto, dando isso tanto nas vistas que, para designar a cultura de cada uma das três tribos se poderia falar em "cultura de *Adjacá*", "cultura de *Adjó*" e "cultura de *Pynacû*", de acôrdo com o nome do cesto característico de cada tribo. Realmente, obtive dos Mbyá de Guarita um típico *adjaká* (2), semelhante aos descritos e representados por Müller (1935, pp. 772 e 774, *prancha XVIII*, fig. 48b) e Ambrosetti (1895, pp. 59-60, *prancha* entre pp. 58 e 59, à esquerda, embaixo) e aos adquiridos por Schaden, em 1947, na aldeia do Itariri, onde estêve durante algum tempo um pequeno grupo de Mbyá, e pertencentes ao Museu Paulista, Secção de Etnologia, R. G. 6.448 e 6.449. Êstes cestos de taquara, artisticamente ornamentados por uma faixa horizontal cuja parte prêta consiste de material tirado do guaimbé (*Philodendron spec.*), são trançados pela mulher e carregados por ela, nas costas, presos na testa por uma tira também de filodendro.

O segundo objeto caracteristicamente mbyá que colhi em Guarita é um *petynguá*, cachimbo de barro com canudo de taquari. A julgar pelo brilho do barro, é peça bastante antiga. Segundo os informantes mbyá, tais cachimbos são fabricados pelas mulheres, sendo fumados por adultos de ambos os sexos e preferidos ao cigarro, ainda que fumem também cigarro de palha. O tabaco usado tanto para êste como para o *petynguá*, é chamado *petý-hũ*, "tabaco prêto", semeado durante a chuva tanto por homem como por mulher e que só dá, dizem, em terra

---

(2) Nas palavras mbyá grifadas, *k* corresponde ao *c* português em "cão", *y* representa o *i* gutural característico do tupi-guarani, que aparece, por exemplo, no vocábulo *y*: "água" e *h* é aspirado, como na palavra inglesa *he*. De resto, a grafia daqueles vocábulos é a portuguesa.

prêta. É conservado como fumo de corda. O pedaço que adquiri para o Museu Paulista é realmente prêto, provindo da safra de janeiro, de plantas sementeadas em 1 de maio. Aliás, usam também charuto, denominado *petý-rogié*.

Müller (1935, p. 163) indica também a palavra *petyngúá* como designação do cachimbo cuja forma típica descreve e mostra em dois exemplares representados na prancha XII, fig. 28. Evidentemente, o cachimbo colhido por mim é do mesmo tipo caracterizado pelo *nambí*, "orelha", isto é, por uma chapa acrescentada à parte dianteira do forninho redondo e geralmente tendo no meio um grande orifício redondo. Enquanto êste serve para pendurar o cachimbo, a chapa possibilita segurar com os dedos o cachimbo quente. Infelizmente, o *nambí* do exemplar de Guarita está quebrado verticalmente, restando só a metade traseira da borda do orifício. Desta borda partem, em ambos os lados do fragmento da chapa, raios de linhas e pontos impressos, podendo essa irradiação lembrar certas representações solares. Aliás, o *nambí* do cachimbo descrito e representado por Ambrosetti (1895, p. 56 e figura) lembra, com as suas cinco pontas, uma estrêla ou a roda dentada duma espora, distinguindo-se, a êsse respeito, dos cachimbos de Müller, munidos só de dois "dentes" achatados. Possui, porém, igualmente, o grande orifício central que, segundo Ambrosetti (ib.), às vezes é rodeado de orifícios pequenos. Os cachimbos colhidos por Schaden em 1947, entre os Mbyá da aldeia de Palmeirinha, Xapecó, Santa Catarina, e pertencentes ao Museu Paulista, Secção de Etnologia, R. G. 6.457 e 6.458, sendo aquêle de nó de pinho e êste de barro, têm, também, *nambí* munido do orifício central e de dois "dentes" achatados. A parte conservada do *nambí* do cachimbo de Guarita nada deixa supor acêrca do contôrno da parte perdida.

Outras peças dignas de nota, que recebi dos Mbyá de Guarita, são o *mimbý* e o *mimby-í*, flautas de taquara que o homem fabrica e toca. O primeiro dêstes instrumentos mede 51 cms de comprimento e 2 cms de diâmetro, tendo 6 orifícios, para variar o som, que formam linha reta com o orifício para soprar, sendo, como êste, redondos e feitos a fogo. O tubo está fechado num lado por entrenó. Êsse *mimbý* se parece com o pífano mencionado sob o mesmo nome *mimbý* por Müller (1934, p. 709) e representado por êle na prancha VII, fig. 15f de sua monografia. Provavelmente, corresponde também às flautas "com seis agu-

jeros hechos á fuego y perfectamente redondos”, referidas por Ambrosetti (1895, p. 12).

O *mimby-i* (*i* é diminutivo) mede 30 cms de comprimento e 1 cm de diâmetro, tendo, num lado, 5 orifícios para variar o som, e, no lado oposto, 2, sendo todos êles redondos e feitos a fogo. Na mesma linha reta com os primeiros 5 orifícios está, cortado com faca, um orifício retangular, tendo sido introduzido por êste, para fechar o tubo, certa quantidade de cêra escura de abelha, deixando apenas pequena abertura para passagem do ar junto àquele orifício retangular. Aparentemente, Ambrosetti (ib.) tinha em vista semelhante *mimby-i* quando escreveu: “Pitos, de tacuapí ó taquara mansa de 30c. de largo y 1 de diâmetro, con cinco agujeros también hechos á fuego; la abertura superior es diminuida por medio de cera. Lo tocan como clarinete.”

Müller (1934, p. 701) menciona que os Chiripá e Pañ’ não usam a flauta de homens. Podemos considerar esta, portanto, uma particularidade mbyá. Refere-se, ainda, o mesmo autor (ib.), à flauta de mulher, instrumento também existente entre os Mbyá de Guarita.

Por fim seja feita menção do *po-y*, colar por mim adquirido dêses índios. É uma corrente de quase um metro de comprimento, na qual estão enfiadas 17 sementes de *capí-i-a*, gramínea que cresce à beira de sangas e regatos; cada uma destas sementes cinzentas está separada da outra por 13 a 18 sementes menores dum cipó que, pela sua côr prêta, são chamadas *yvá-hũ*, “fruta prêta”. Müller (1935, pp. 448-449) informa que o *yvá-hũ* serve para colares usados por homens e mulheres, sendo cultivado por estas; acrescenta que as mulheres mbyá e pañ’ cultivam também o *capí-i-a* para a confecção de colares.

Obtive os seguintes dados mitológicos de dois homens mbyá, Vicente Karáy-papá, de cêrca de trinta-e-três anos e Adolfo Verá, talvez dez anos mais moço do que o primeiro. Já não tinham o beijo furado (cf. a prancha anexa) como os Mbyá do Paraguai visitados por Vellard (1939, p. 164) que, aliás, também não usavam mais o tembetá, uso êsse ainda mencionado por Müller (1935, p. 446) e, no século passado, encontrado entre os Mbyá de Misiones por Ambrosetti (1895, pp. 63-66). Ambos os informantes se completavam reciprocamente. Falamos numa mistura de português, espanhol e guarani, o que, certamente, não representa a maneira ideal de recolher tal material. Embora o que segue

tenha valor precário por essa e outras razões, suponho que possa ter alguma utilidade para os estudiosos do assunto.

Na versão portuguesa que apresento, procuro conservar, o mais possível, a forma de expressão dos informantes.

### Gênesis

Dizem que *Nhandé Ru Pa-pá tenondé*, o primeiro do mundo, estava sentado, ainda, não levantou ainda. Estava escuro, não se via nada. Ele não sabia para onde ir. Estava escuro. Alguma vez ele quis ir a um lugar, andando de gatinhas, mas não pôde. *Nhandé Ru Pa-pá tenondé* estava pensando. Ouviu barulho de dois lados. Dizem que veio vento dos dois lados e aclarou um pouco. *Nhandé Ru Pa-pá tenondé* pôde ver um pouco e viu que tudo era água ao redor. Os dois ventos trabalharam e fizeram sol e veio terra. Aí *Nhandé Ru Pa-pá tenondé* já levantou e tinha um bastãozinho. Outra coisa não tinha e estava nu. Trabalhou na terra com bastãozinho seis dias e meio e aprontou este mundo. Era só terra limpa, não tinha mato ainda. Aí pensou para fazer mato. Primeiro fez um pau só. Cada galho deste pau era de outra qualidade, de modo que já tinha neste pau todos os outros paus do mundo. Três meses depois de florescer, tinha fruta. Aí juntou as frutas e semeou-as na terra limpa. Depois de um mês já nasceram todas as árvores. Depois de três meses estavam altas já. Depois de oito anos algumas já tinham frutas. Agora pensou para fazer campo.

Dizem que nossos avós eram só dois, *Nhandé Ru tenondé* e *Nhandé Chy tenondé*. Não tinha milho, nem nada. Depois *Nhandé Chy tenondé* tinha três filhos: o primeiro filho era Tupã, que fica no poente, o segundo *Karai Ru Eté*, que fica no nascente e, o terceiro, *Jakairá-Mirim*, que fica no alto (Zênite).

Em cima do nosso céu tem cinco céus. *Nhandé Ru tenondé* e *Nhandé Chy tenondé* foram para o mais alto.

Para plantar e para ter semente o primeiro que trabalhou foi Tupã. Tinha já semente para tudo. Tupã mandou fazer roça aos nossos avós e deu-lhes sementes, que levaram três dias para dar fruta e hoje levam três meses.

## Comentário

Segundo Cadogan (1948, p. 133; 1951, p. 204), *Nhandé Ru Pa-pá tenondé* criou quatro grandes sêres, isto é, *Nhamandú*, o deus do sol; *Tupã Ru Eté*, o deus da chuva; *Jakainá*, o deus da primavera; *Karai* ou *Karai Ru Eté* (cf. ib. 1950a, p. 245), o deus do fogo. Observa, porém, o mesmo autor (ib. p. 235, nota 3): "... mis investigaciones posteriores me han convencido que Ñande Ru Pa-pá... es sinónimo de Ñamandú Ru Eté, dios del sol. Hasta hace muy poco la posición de Ñande Ru Pa-pá Tenondé me parecía algo confusa, y hasta creía en la posibilidad de un caso de sincretismo; pero unos himnos fúnebres y oraciones que acabo de recopilar en el departamento de San Juan Nepomuceno, me demuestran sin lugar a dudas que Ñamandú y Ñande Ru Pa-pá Tenondé son el mismo dios, es decir, que el Absoluto de la teogonía de esta parcialidad es el Dios del Sol." Talvez essa identificação explique porque os meus informantes falaram de três filhos de *Nhandé Ru Pa-pá tenondé* ao invés de quatro, não mencionando o nome de *Nhamandú* ou *Nhamandú Ru Eté*?

Acêrca das circunstâncias que acompanharam o aparecimento de *Nhandé Ru Pa-pá tenondé*, há semelhanças em outros autores. À escuridão se refere a frase de Cadogan (1948, p. 133): "Dicen los mbyá que el Creador apareció en medio de las tinieblas originarias." (cf. também idem, 1951, p. 203). Ao "vento dos dois lados" corresponde, talvez, o trecho do mito reproduzido por Cadogan (ib. p. 204): "Existia en medio de los vientos primigenios." A respeito do bastãozinho talvez seja digno de nota o fato de os Mbyá, segundo Müller (1934, p. 186), chamarem Tupã de "nosso pequeno bastão" *nhandé yvyrá-i*, ao agradecer-lhe a boa sorte na caça.

## Roubo do fogo

Urubu era o dono do fogo. Nossos avós não tinham fogo. Cururu queria se aquecer. Urubu não queria. Cururu pulou perto. Urubu pegou-o no braço e pinchou-o fora. Cururu veio outra vez. Aí, Tupã ficou com dó do cururu. Daí combinou com êle para pegar o tiçãozinho. Tupã (que era um Guarani), chegou perto do urubu e bateu palma para o urubu ficar assustado, porque Tupã queria pegar todo o fogo. O urubu

se assustou e foi-se embora. Tupã pegou todo o fogo e deixou só um tiçãozinho para o cururu. Aí Tupã e cururu deram fogo a todo o mundo.

#### Comentário

Esta lenda pode ser considerada tipicamente guarani. Versões ou elementos dela foram encontrados em numerosas tribos da grande família lingüística a que pertencem aqueles índios, isto é, entre os Guarani do litoral paulista, Chiripá, Apapokuva, Chiriguano, Guarayú, Tembé, Xipáia e Tapirapé (cf. Baldus, 1937, pp. 213-215).

#### A onça e Jesus Cristo

A onça jogou com Jesus Cristo para ver quem podia assustar o outro. A onça disse: Você me espere aqui na estrada! Jesus Cristo esperou. A onça foi embora. Depois voltou fazendo grande barulho. Mas Jesus Cristo ficou quieto. Não se moveu.

Daí Jesus Cristo disse à onça: Agora você me espere! Foi-se embora e voltou relampejando e trovoando. Aí a onça ficou com medo e fugiu.

#### Comentário

Na versão colhida por Müller (1934, p. 441) entre os Mbyá do Paraguai, a onça é desafiada por Tupã que, reluzindo, a faz fugir. Depois, a onça desafia, jogando, com as garras, terra pelo ar. Tupã, porém, mata-a a facão.

#### A onça e o tamanduá

A onça desafiou o tamanduá para cagarem juntos. O tamanduá disse: Vamos fechar os olhos! Fecharam os olhos e cagaram. O tamanduá trocou os excrementos. Quando a onça abriu os olhos e viu o que estava embaixo dela, ficou com medo.

#### Comentário

Cadogan (1950b, pp. 3-4) encontrou o mesmo conto entre os Mbyá do Paraguai. Os meus informantes diziam que já o conheciam quando viviam ainda na Argentina. Entre os índios do Brasil tem vasta difusão,

pois aí foi ouvido não somente de um Guarani, por Telêmaco Borba (1908, pp. 119-120) e de um Kayuá, por Schaden (1947, p. 117), mas também de um Bakairi da região do Xingu, por Karl von den Steinen (1894, p. 384), dos Tenetehara do Maranhão, por Wagley e Galvão (1949, pp. 159-160), e, por mim, tanto entre os Karajá do Araguaia, como entre os Kaingang do Ivaí, Nonoai e Guarita.

\* \* \*

O fato de êstes Kaingang e os Mbyá-Guarani conhecerem o mesmo conto não autoriza a falar em parentesco cultural. Em todos os aspectos de cultura material e não-material, as diferenças são radicais. Kaingang e Mbyá, mesmo morando na mesma Reserva, parecem representantes de mundos diversos. Enquanto aquêles trabalham na roça, êsses andam caçando. Cabem bem aos Mbyá de Guarita as seguintes palavras de Vellard (1939, p. 174) sôbre os Mbyá do Paraguai: "... insouciantes et réfractaires à tout travail suivi, ils préfèrent s'en remettre pour leur subsistance aux ressources de la forêt plutôt que de s'assurer des réserves suffisantes par l'agriculture." Cadogan (1948, pp. 131-132) escreve: "El que haya disminuído la capacidad productiva del *mbyá* como agricultor, no debe atribuirse al solo hecho de carecer de tierras propias: con el relajamiento de la cohesión y disciplina tribales y la virtual desaparición del cacicazgo, nadie impone la ley que antaño regía sobre el área mínima a cultivarse. Subsiste, empero, la obligación sagrada de dar de comer a todo miembro de la tribu que llegare al 'tapyi' (vivienda); y esta anomalía trae como consecuencia el que muchos que se alejan de las tolderías en época de la siembra alucinados por el espejismo de una vida fácil en obrajes y yerbales (explotaciones madereras e industrialización de *Ylex Paraguayensis*), vuelven en los meses flacos a consumir el fruto de las labores de aquellos que prefirieron dedicarse a las faenas agrícolas. No es por consiguiente de extrañar que el *mbyá*, originariamente excelente agricultor, apenas produzca en la actualidad lo suficiente para no morir de inanición. Estos dos factores adversos han acarreado como consecuencia ineludible, la degeneración física y, fuerza es admitirlo, el relajamiento de su moral, reflejadas de manera incontrovertible en el incremento de la tuberculosis pulmonar y la caries dental por un lado, y el aumento en el número de homicidios y casos de infidelidad conyugal por otro."

A hospitalidade e as brigas, em geral por causa de adultério, são mencionadas também por Vellard (l. c.) e caracterizam igualmente os

Mbyá de Guarita. Entre êsses Guarani, que diferem dos Kaingang pela amabilidade, desembaraço, religiosidade e senso artístico, a mulher passou a ser um fator de desintegração social que, junto a fatôres religiosos e econômicos, contribui para a mobilidade. Os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios sabem das freqüentes migrações que levam os Guarani de um Pôsto Indígena para outro. Também os mencionados artefatos do Museu Paulista obtidos dos Mbyá em diversos lugares, testemunham êsse espírito nômade. Os Mbyá de Guarita, considerados pelos Kaingang como intrusos, indagaram de mim o caminho para ir aos Guarani de São Paulo. Dei-lhes informações exatas.

#### SUMMARY

*Some ethnological material collected by the author in 1952 in the Indian Reservation of Guarita situated in the north-western area of the Brazilian State of Rio Grande do Sul is considered with the purpose of identifying the Guarani dwelling there as Mbyá, i. e., as a part of a tribe studied in the Argentine territory of Misiones by Juan B. Ambrosetti and in Eastern Paraguay mainly by Father Franz Müller and by León Cadogan.*

## BIBLIOGRAFIA

- AMBROSETTI, JUAN B. — 1895 — “Los indios Caingú del Alto Paraná (Misiones)”, *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, tomo XV, Buenos Aires, separata.
- BALDUS, HERBERT — 1937 — *Ensaio de Etnologia Brasileira*, São Paulo.
- BORBA, TELEMACO — 1908 — *Actualidade Indígena — Paraná — Brazil*, Curitiba.
- CADOGAN, LEÓN — 1948 — “Los Indios Jeguaká Tenondé (Mbyá) del Guairá, Paraguay”, *América Indígena*, vol. VIII, n. 2, México, pp. 131-139.
- CADOGAN, LEÓN — 1950a — “La Encarnación y la Concepción; la Muerte y la Resurrección en la Poesía Sagrada ‘Esotérica’ de los Jeguaká-va Tenonde Porä-güé (Mbyá-guaraní) del Guairá, Paraguay”, *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, vol. IV, São Paulo, pp. 233-246.
- CADOGAN, LEÓN — 1950b — “Cuentos de los Yeguaká-va Tenondé Porä güe í (Mbiá-Guaraní) del Guairá, Paraguay”, *Centro de Estudios Antropológicos de la Facultad Nacional de Filosofía del Paraguay, VIIº Serie de Publicaciones*, Doc. 8, (Asunción).
- CADOGAN, LEÓN — 1951 — “Mitología en la zona guaraní”, *América Indígena*, vol. XI, n. 3, México, pp. 195-207.
- MÜLLER, P. FRANZ — 1934/1935 — “Beiträge zur Ethnographie der Guarani-Indianer im östlichen Waldgebiet von Paraguay”, *Anthropos*, t. XXIX-XXX, St. Gabriel-Mödling bei Wien, pp. 177-208, 441-460, 695-702; 151-164, 433-450, 767-783.
- SCHADEN, EGON — 1947 — “Fragmentos da mitologia kayuá”, *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, vol. I, São Paulo, pp. 107-123.
- STEINEN, KARL VON DEN — 1894 — *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin.
- VELLARD, J. — 1939 — *Une Civilisation du Miel*, Paris.
- WAGLEY, CHARLES, and GALVÃO, EDUARDO — 1949 — *The Tenetehara Indians of Brazil*, New York.



Adolfo Verá



HERBERT BALDUS

Prancho I

4885



Vicente Karáy-papá



HERBERT BALDUS

Prancha II

488c